



# **A Didática Reconstructivista da História: um marco na historiografia do Ensino de História**

**MARIA AUXILIADORA MOREIRA DOS  
SANTOS SCHMIDT**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ 

**ARNALDO MARTIN SZLACHTA JUNIOR**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO 

---

**CLIO: REVISTA DE PESQUISA HISTÓRICA**

Clio (Recife, Online), v. 42, ano 2024

<https://doi.org/10.51359/2525-5649.2024.261228>

e-ISSN: 2525-5649





*Entrevista concedida em 14 de setembro de 2023.*

---

*PALAVRAS-CHAVE:* didática reconstrutivista da história; ensino de história; aula histórica

*KEYWORDS:* reconstructivist didactics of history; history education, historical class

---

# **A Didática Reconstructivista da História: um marco na historiografia do Ensino de História**

MARIA AUXILIADORA MOREIRA DOS SANTOS SCHMIDT

ARNALDO MARTIN SZLACHTA JUNIOR

*Arnaldo: - Como a trajetória sua acadêmica e a sua experiência na Educação Básica, bem como na Universidade Federal do Paraná influenciaram o desenvolvimento da metodologia da "Aula Histórica" e sua abordagem na Didática Reconstructivista da História?*

Maria Auxiliadora: - Para começar, gostaria de destacar que, desde o ensino médio da minha época, me apaixonei pelo conhecimento das ciências humanas e sua importância na transformação da realidade social. Tive a sorte de viver em Brasília desde o início de sua construção, em 1957, até 1972, quando me mudei para Curitiba. A cidade era efervescente e transgressora em muitos aspectos, e estudar na UnB, antes de seu projeto ser destruído pelos militares, contribuiu para que eu me tornasse a intelectual que sou hoje. Apesar de ter iniciado minha vida profissional como jornalista, pois sou bacharel em Comunicação Social pela UnB (1968), desde 1973, após me formar em História pela UFPR, passei a me dedicar ao magistério. Atuei como professora de História na Escola Básica até 1991, quando ingressei na UFPR. Foram anos ricos em experiência docente e militância profissional. Ricos porque experimentei a docência em espaços da escola pública e particular, além de atuar durante alguns anos em secretarias de educação, municipal e estadual, contribuindo para discussões sobre reformulações curriculares e formação continuada de professores. Vale lembrar que essas experiências ocorreram desde as fases mais duras da ditadura militar, passando pelo processo de abertura e pelo final do período autoritário. Havia um grande debate educacional no Brasil e, como disseram depois, éramos "românticos do século XIX". O mestrado em Educação na UFPR foi uma porta de entrada para os pressupostos da educação progressista, mais pelo contato com o grupo de professores progressistas da educação na UFPR e com a minha orientadora Acácia Kuenzer do que pela proposta do mestrado em si, matizado pela influência tecnicista norte-americana. Acredito que, quando iniciei a

trajetória acadêmica, passando um ano na Universidade Estadual de Ponta Grossa e em universidades particulares em Curitiba, eu já era a "Dolinha" que sou hoje, dando continuidade à luta pela socialização do conhecimento científico, agora em uma nova fase após o doutorado em História na UFPR. Foi então que, como digo, coloquei o pé no mundo, primeiro em Portugal, com o pós-doutorado na Universidade Nova de Lisboa, e depois em diferentes países, buscando contribuições para melhorar o ensino de história em nosso país. Com a criação do Lapeduh, em 2003, o coletivo foi se tornando a grande referência para pesquisas, projetos de extensão e docência. Daí foi um passo para a tese de titularidade - "Atribuição de sentido como princípio da aprendizagem histórica" - defendida em 2019, onde está o germe da didática reconstrutivista da história. Muito trabalho.

*Arnaldo: - Pensando na categoria "sentido", qual é a importância no contexto da Didática Reconstrutivista da História proposta pela senhora? Como essa categoria influencia o processo de ensino e aprendizagem histórica e a relação entre presente, passado e futuro?*

Maria Auxiliadora: - A preocupação com o sentido e significado do conhecimento surgiu quando, ainda jovem, dos 14 aos 16 anos, participei de um curso de alfabetização oferecido pela Igreja Católica na perspectiva freiriana. Os padres e freiras nos enviavam para as "invasões", como eram chamadas as comunidades em Brasília. No entanto, em relação ao ensino de história, alguns desafios foram se apresentando. Até hoje, guardo um trabalho de quando eu era aluna do 6º ano, na década de 1980, onde escrevi uma frase: "história é uma coisa que acontece fora de mim, e eu não entendo nada e fico agoniada". Foi um sinal ou desafio que sempre me perseguiu. Como tornar a aprendizagem significativa para os alunos e alunas? Busquei respostas e mergulhei na metodologia da escola nova e na psicologia de Piaget, na experiência da Escola Anjo da Guarda em Curitiba, com a educadora Vera Miraglia, nos debates da escola do povo de Freinet, com colegas da rede municipal de Curitiba, e nos fundamentos da pedagogia histórico-crítica, através das propostas curriculares de Curitiba e do Estado do Paraná. A atribuição de sentido tem importância na Didática Reconstrutivista e influência na aprendizagem histórica de alunos e professores, pois não podemos acreditar numa aprendizagem descartável, onde as relações entre presente, passado e futuro não dizem respeito a nós mesmos, individual e coletivamente.

*Arnaldo: - Como a metodologia da "Aula Histórica" aborda a relação entre a práxis (vida prática) e a ciência da História? De que maneira essa abordagem contribui para o desenvolvimento da competência de atribuição de sentido e a formação do pensamento histórico e da consciência histórica dos estudantes?*

Maria Auxiliadora: - A relação entre ciência e vida prática é histórica e concreta. O princípio fundamental é o de que a ciência se produz nas e pelas relações sociais e a ela deve retornar. Esse pressuposto é o que organiza a relação entre práxis e ciência da História como fundamento do método de ensino e aprendizagem. Assim, as carências e necessidades dos alunos e professores, como ponto de partida e chegada, não devem ser apenas objeto de problematizações, mas sim de um questionamento crítico do mundo em que se vive. Isso visa realizar o movimento ou trabalho cognitivo do pensamento em direção à formação e ação na realidade histórica, contribuindo para desnaturalizar o real e fazer com que o conhecimento adquira sentido. Isso faz com que alunos e professores se reconheçam em suas múltiplas identidades.

*Arnaldo: - Como a incorporação de elementos das matrizes de Jörn Rüsen e da perspectiva da prática social de Demerval Saviani na matriz da Didática Reconstrutivista da História contribui para a compreensão da aprendizagem histórica e a formação do pensamento histórico dos estudantes?*

Maria Auxiliadora: - A prática social de Saviani e a vida prática de Rüsen são análogas, pelo menos na maneira como interpreto cada um desses autores. É evidente que Jörn Rüsen não aborda a didática da história numa perspectiva socialista, ao contrário do que Dermeval Saviani propõe em seu método para a pedagogia histórico-crítica. Não se trata de considerar autores como modelos a serem aplicados, mas de estabelecer diálogos eletivos. Dessa forma, pude incorporar as perspectivas de ambos. De um lado, a didática da pedagogia histórico-crítica de Saviani sugere pistas para o processo de didatização, enquanto a matriz de Rüsen oferece elementos para a didática específica da História. Isso ocorre principalmente porque entendo que a relação entre ensino e aprendizagem não é neutra, mas parte do reconhecimento de cada indivíduo como sujeito historicamente determinado e construtor de utopias.

*Arnaldo: - Quais são os principais desafios e oportunidades enfrentados pelos professores ao implementar a metodologia da "Aula Histórica" em sala de aula, especialmente em relação à promoção da formação do pensamento histórico e da consciência histórica dos alunos em contraposição a concepção de Transposição Didática de Chevallard?*

Maria Auxiliadora: - A transposição didática, em seu fundamento, diz respeito ao método de ensino. Em sua articulação com o ensino de história, sofreu mediações importantes, considerando a natureza axiológica de nossa ciência. Pode-se substituir a Transposição Didática de Chevallard pela Transposição Didática de Henri Moniot. Entendo que a diferença fundamental entre a

Transposição Didática e a Aula Histórica é que o princípio que sustenta a Aula Histórica é o da Reconstrução Didática, pautado essencialmente no pressuposto de que a aprendizagem baseada na formação específica do pensamento histórico é o ponto de partida para o método de ensino. A realização metódica na aula de História, seja onde ela acontecer, significa que professores e alunos percorrem juntos o processo de reconstrução do conhecimento na fase atual da ciência histórica. Isso não significa produzir conhecimento por meio de pesquisas, nem transformar alunos em historiadores, mas contribuir para que as pessoas aprendam como se faz para pensar historicamente.

Arnaldo: - *De que forma a "Aula Histórica" como metodologia da Didática Reconstitutivista da História aborda temas controversos da história do Brasil e a relação entre Cultura Histórica e Cultura Escolar? Como isso contribui para a aprendizagem histórica dos estudantes?*

Maria Auxiliadora: - Entendo que os temas controversos ou da história difícil devem ser destacados como conteúdos a serem estudados em todo o processo de escolarização. No entanto, a maneira como a história foi adquirindo contornos escolarizados, em que a relação entre a cultura histórica em todas as suas dimensões (cognitivas, políticas, estéticas, religiosas etc.) foi historicamente se tornando parte da cultura escolar (como manuais, currículos etc.) e da cultura da escola (como práticas pedagógicas, por exemplo), fez com que essa relação tomasse contornos excludentes. Isso transformou a nação, o país, o local (principalmente) em sujeitos da história, em um processo que levou ao esquecimento do reconhecimento das pessoas e da humanidade como protagonistas da história. Dizia que isso provocou o sequestro da cognição histórica e acrescento, hoje, que também provocou o esquecimento do reconhecimento das múltiplas identidades que constituem a nossa história.

\*\*\*

---

Entrevista recebida em 19-01-2024. Aceito para publicação em 01-03-2024.

---

*Citação:* Maria Auxiliadora Moreira dos Santos Schmidt. "A Didática Reconstitutivista da História: um marco na historiografia do Ensino de História". [Entrevista cedida a] Arnaldo Martin Szlachta Junior, *Clio: Revista de Pesquisa Histórica*, v. 42, (2024), pp. 1-6.

---

*Contato dos autores:* Maria Auxiliadora Moreira dos Santos Schmidt: dolinha08@uol.com.br; Arnaldo Martin Szlachta Junior: arnaldo.szlachta@ufpe.br.